

## [Texto Original](#)

América Após a Meritocracia: O crepúsculo das Elites, de Chris Hayes

[[crosspostado de Crooked Timber](#)]

Em seu novo livro, *O crepúsculo das Elites: América após a meritocracia*, [Chris Hayes](#) alcança a tríade impossível: o livro é incrivelmente cativante, impossivelmente erudito e — o mais impressionante de tudo — está certo. No final, fiquei com apenas duas ressalvas: primeiro, o capítulo sobre “epistemologia pop” que explicou detalhadamente como as elites erraram, mas não mencionou os não-elites que acertaram, deixando o leitor com a impressão, previsível, de que acertar era impossível; e segundo, o livro nunca reuniu seu argumento (surpreendentemente sofisticado) em um único resumo. Para discutir o livro, sinto que precisamos começar remediando essa última falha:

As instituições do nosso país desmoronaram, argumenta Hayes. De 2000 a 2010 (a “Década do Fracasso”), todas as principais instituições sociais falharam. Grandes empresas colapsaram com a [Enron](#) e a [WorldCom](#), seus auditores não foram capazes de antecipar isso, a Suprema Corte se tornou partidária em [Bush vs. Gore](#), nosso aparato de inteligência falhou em prevenir o 11 de setembro, a mídia mentiu para nos levar a guerras, o exército falhou em vencê-las, os esportes profissionais estavam cheios de esteroides, a igreja envolveu-se em e encobriu abusos sexuais, o [governo agravou o desastre do furacão Katrina](#), e os [bancos quebraram a economia](#). Como tudo deu tão errado?

Hayes culpa um suspeito improvável: a meritocracia. Pensamos que bastaria escolher os melhores e elevá-los ao topo, mas, uma vez lá, eles inevitavelmente usaram seu privilégio para se entrincheirar e beneficiar seus filhos (a desigualdade é, segundo Hayes, “[autocatalítica](#)”). Abrir a elite para uma competição mais eficiente não tornou as coisas mais justas, apenas legitimou uma disputa mais intensa. O resultado foi uma corrida armada entre a elite, levando todos a adotar as formas mais desonestas de trapaça e fraude para garantir suas posições cobiçadas. À medida que a competição domina o topo, o valor pessoal se transforma em valor de troca, e o poder acumulado em um setor pode ser trocado por poder em outro: um regulador pode se tornar um vice-presidente de banco, um apresentador de TV moderno pode usar sua fama para se tornar um autor best-seller (tente imaginar [Edward R. Murrow](#) usando o noticiário para promover seus livros como [Bill O’Reilly](#) faz). Isso cria uma elite unitária, distante da massa da sociedade, mas ao mesmo tempo ainda mais insegura. Você nunca pode alcançar o ápice da elite neste novo mundo; mesmo que você tenha o programa de TV mais bem-sucedido, você também está fazendo filmes blockbuster? Escrevendo livros best-sellers? Ganhando prêmios Nobel? Quando seus pares são a elite em geral, você nunca pode superá-los claramente.

O resultado é que nossa elite está presa em uma bolha, onde os indicadores habituais de precisão (unanimidade, proximidade e boa-fé) apenas os desviam da moralidade. E sua distância da realidade do resto do país torna impossível que façam seus trabalhos de forma justa — eles simplesmente não recebem o feedback necessário. A única solução é reduzir a desigualdade econômica, uma visão que tem apoio surpreendente entre a população (a maioria da população deseja resolver o déficit aumentando os impostos sobre os ricos, o que não pode ser dito sobre nenhum outro plano de governo). E, embora Hayes não seja fã de intensificar as contradições, é possível que a próxima crise traga consigo a oportunidade de conquistar essa mudança.

Este é apenas um resumo esquelético — o livro em si está repleto de texturas ricas para demonstrar cada ponto e uma discussão mais aprofundada sobre os mecanismos envolvidos (eu o chamaria de [Elster](#) encontra [Gladwell](#), se achasse que isso seria visto como um elogio). Então, compre o livro. Agora, como eu disse, acho que Hayes está amplamente correto em sua análise. E acho que sua solução proposta também é perfeita — quando éramos bolsistas juntos no Harvard Center for Ethics, acho que irritamos todos com nossa insistência repetida de que reduzir a desigualdade econômica era sempre a solução apropriada para cada um dos muitos males sociais que o grupo identificou.

Mas, ao conversar com outros membros da elite sobre essa proposta, percebo uma confusão que vale a pena esclarecer, sobre os resultados *estruturais* da desigualdade, em vez dos meramente quantitativos. A classe social paira sobre o livro como um espectro assustador (há um breve comentário na p. 148 de que “Mills [tinha] uma teoria com mais nuances do poder da elite do que o conceito de Marx de uma classe dominante”), mas acho difícil ver como a solução se relaciona com o problema sem esse conceito. Afinal, começamos afirmando que o problema é a meritocracia, mas de alguma forma a solução é taxar os ricos?

A pista está em pensar claramente sobre a alternativa à meritocracia. Não é escolher cirurgias por loteria, Hayes esclarece, mas então o que é? Trata-se de melhorar as relações de poder como um todo. A meritocracia diz “deve haver alguém que governe, então que seja o melhor”; o igualitarismo responde “por que deve haver?”. É o desequilíbrio de poder, e não a desigualdade em si, que é o problema.

Imagine um mundo de ficção científica em que a produtividade atingiu alturas tão impressionantes que todos podem ter todos os bens que desejam apenas com o trabalho que as crianças fazem por diversão. Ao girar os botões de seu MakerBot local, as crianças produzem comida, roupas e iPhones suficientes para satisfazer todos. Então, em vez de trabalhar, a maioria das pessoas passa os dias fazendo ioga ou pescando. Mas a escassez não desapareceu completamente — ainda há competição pelos melhores pontos de pesca. Então continuamos a deixar que eles sejam alocados pelo mercado: o ponto de pesca é cobrado, e as pessoas que realmente o desejam ganham o dinheiro para pagar por ele ajudando outras pessoas com várias tarefas.

Nesse tipo de mundo, a desigualdade não parece ser um grande problema. Claro, algumas pessoas conseguem os melhores pontos de pesca, mas isso é porque fizeram mais tarefas. Se você quiser o ponto mais do que eles, pode trabalhar mais. Mas a desigualdade não vem com poder — o cara com o melhor ponto de pesca não pode dizer [“transa comigo ou você está demitido”](#).

Esse mundo de ficção científica pode parecer ridículo, mas é basicamente aquele que [Keynes previu](#) que estaríamos vivendo em breve:

“É verdade que as necessidades dos seres humanos podem parecer insaciáveis. Mas elas se dividem em duas classes — aquelas necessidades que são absolutas no sentido de que as sentimos independentemente da situação de nossos semelhantes, e aquelas que são relativas no sentido de que as sentimos apenas se sua satisfação nos eleva acima, nos faz

sentir superiores aos nossos semelhantes. As necessidades da segunda classe, aquelas que satisfazem o desejo de superioridade, podem de fato ser insaciáveis; quanto maior o nível geral, mais altas elas ainda são. Mas isso não é tão verdadeiro para as necessidades absolutas — um ponto pode ser alcançado em breve, talvez muito mais cedo do que todos nós percebemos, quando essas necessidades são satisfeitas no sentido de que preferimos dedicar nossas energias adicionais a propósitos não econômicos.

[...] Mas, é claro, tudo isso acontecerá gradualmente, não como uma catástrofe. Na verdade, já começou. O curso dos acontecimentos será simplesmente que haverá classes e grupos cada vez maiores de pessoas para quem os problemas da necessidade econômica foram praticamente removidos.”

E é isso que uma redução na desigualdade econômica poderia alcançar. A tendência nas últimas décadas (desde a queda da União Soviética e o alívio da classe dominante de que “Não Há Alternativa”) tem sido que as pessoas no topo capturem todos os ganhos econômicos, deixando todos os outros cada vez mais inseguros e dependentes de sua generosidade. (Chamar-se de “criadores de empregos”, nessa visão, não é tanto uma ostentação quanto uma ameaça.) Mas com menos desigualdade, poderia ser diferente. Em vez de um mundo em que há um punhado de grandes redes com dinheiro para produzir programas de TV, todos poderiam pagar para ter suas conversas de domingo filmadas e transmitidas ao vivo. Em vez de apenas grandes conglomerados terem o capital e a distribuição para lançar novas linhas de produtos, todos poderiam criar e comercializar sua própria linha de roupas íntimas ou [videogames \(em vez de apenas os arremessadores de elite do Red Sox\)](#).

Mesmo em termos estritos de eficiência, isso me parece uma visão mais atraente do que a meritocracia usual. Por que colocar todos os ovos em uma única cesta, mesmo que seja a melhor cesta”? Certamente você obteria melhores resultados dando a mais cestas uma chance.

Você pode argumentar que é exatamente para onde a tecnologia está nos levando — [crianças populares no YouTube](#) se tornam grandes sensações pop, certo? — e o gênio do livro de Hayes é nos mostrar por que isso não é suficiente. A demanda igualitária não deve ser que precisamos de mais estrelas pop negras, femininas ou sensações do YouTube, mas questionar por que precisamos de superestrelas de elite. Espero que o próximo livro de Hayes nos mostre como seria o mundo sem elas.

Você pode me seguir no Twitter aqui.

20 de junho de 2012

### **Alguns trechos das Referências do Aaron**

Página 9 e 15 de [O crepúsculo das Elites: América após a meritocracia](#)

A meritocracia prometeu libertação das hierarquias injustas de raça, gênero e orientação sexual, mas as substituiu por uma nova hierarquia baseada na ideia de que as pessoas são profundamente desiguais em habilidade e motivação. Ela propõe um modelo de sociedade

que concede compensação e recursos vastamente desiguais aos brilhantes e aos lentos, aos industriais e aos preguiçosos. No seu extremo, esse ethos celebra uma “aristocracia do talento”, uma visão de quem deve governar que está em profunda tensão com nossos compromissos democráticos. Como Christopher Lasch observou certa vez, “a meritocracia é uma paródia da democracia”.

Nos últimos trinta anos, nosso compromisso com essa paródia da democracia facilitou uma aceleração e um extremo da desigualdade econômica de uma magnitude e escala não vistas desde a última Era Dourada. Há inúmeras razões para a explosão da desigualdade — desde a globalização, a tecnologia, a corrupção do sistema de financiamento de campanhas, até a guerra bem-sucedida contra o trabalho organizado —, mas o alicerce filosófico para tudo isso, o solo fértil no qual está enraizado, é nosso compromisso compartilhado com a meritocracia. Fundamentalmente, ainda achamos que alguns poucos devem governar; apenas mudamos nossos critérios para o que qualifica alguém a ser um membro em boa posição desse grupo seleto.

----

Michael Young retrata a meritocracia como uma ideia que se originou na esquerda, mas acabou por devorá-la. Em *The Rise of the Meritocracy*, ele observa com ironia, em uma nota de rodapé, que a origem do “termo desagradável, assim como a de ‘igualdade de oportunidades’, ainda é obscura. Parece ter sido usado pela primeira vez de forma geral na década de 1960, em revistas de pequena circulação ligadas ao Partido Trabalhista”. Em seu artigo de opinião no *The Guardian* em 2001, Young destacou que os mecanismos da meritocracia roubaram da classe trabalhadora seus líderes potenciais. As classes trabalhadoras, escreveu ele, “foram privadas, pela seleção educacional, de muitos daqueles que teriam sido seus líderes naturais, os porta-vozes capazes da classe trabalhadora que continuariam a se identificar com a classe da qual vieram”.

A política tradicional de esquerda, do tipo que impulsionou o Partido Trabalhista na Grã-Bretanha e o movimento trabalhista nos Estados Unidos, depende da consciência de classe, um tipo de solidariedade que a meritocracia subverte. O grupo seleto de jovens talentosos da classe trabalhadora e dos pobres é ensinado a ter lealdade aos seus colegas meritocratas. Eles passam a ver seu lugar natural no topo de uma hierarquia vastamente desigual. Aqueles na base que chegam ao topo ascendem de sua classe, em vez de ascender com ela. É um modelo fundamentalmente individualista de conquista.

No entanto, crucialmente, o apelo de tal sistema se estende muito além do número relativamente pequeno de pobres e da classe trabalhadora que conseguem realmente alcançar o topo. Como a loteria, a meritocracia permite que todos imaginem a possibilidade de redenção, evocando facilmente a imagem de um futuro luxuoso e extremamente bem-sucedido. Assim, mesmo que o número de crianças do South Bronx que acabam na Goldman Sachs seja trivial, mesmo que o número de graduados universitários da América rural que entram na Harvard Law School seja insignificante, o sonho de realização para nossos filhos é a única coisa que todos compartilhamos.